

CB
30/9/97 6
1728

PÁGINA 7: Miguel Arraes estuda apoio do PSB a Itamar. / PÁGINA 8: Senado prepara extinção do IPC. / PÁGINA 9: Cresce número de vítimas de soro no Nordeste. / PÁGINA 10: Confirmado discurso do papa sobre aborto. / PÁGINA 11: Pai de menino morto em São Paulo lidera campanha pela paz. / PÁGINA 12: Sopro no coração afeta metade dos recém-nascidos.

BRASIL

CORREIO BRAZILIENSE

6 Brasília, terça-feira, 30 de setembro de 1997

EDITOR: Kido Guerra. SUBEDITOR: Renato Ferraz. TELEFONE: (061) 342-1171/1172. FAX: (061) 342-1155. E-mail: brasil@cbdata.com.br

PRESSÃO MILITAR NA FUNAI

Comando Militar da Amazônia ameaça retirar apoio às ações em favor dos índios se sertanista não for afastado

Ronaldo Brasiliense
Da equipe do Correio

O Exército brasileiro só manterá suas ações de apoio à Fundação Nacional do Índio (Funai) na Amazônia se o sertanista Sydney Possuelo, chefe da Coordenadoria de Índios da Fundação Nacional do Índio (Funai), um dos mais atuantes da fundação indigenista, for afastado de suas funções.

O presidente da Funai, Sullivan Silvestre, chegou a anunciar o afastamento de Possuelo. O anúncio foi feito depois de uma reunião com o general Paulo Roberto Corrêa de Assis, chefe do Estado Maior do Comando Militar da Amazônia, no final da semana passada, em Manaus (AM) e abriu uma séria crise na Funai.

Sydney Possuelo, o mais respeitado sertanista brasileiro da atualidade, com grande penetração entre as organizações não governamentais nacionais e estrangeiras, foi apontado como "intransigente" por alguns chefes militares na Amazônia, que não apoiam seu esforço para que a reserva indígena Vale do Javari, no Amazonas, com 8,3 milhões de hectares — onde vivem índios corubos, contactados pela primeira vez em outubro do ano passado, seja demarcada a curto prazo.

A área indígena Vale do Javari foi selecionada como "prioritária" pelo Programa Piloto para a Proteção das Florestas Tropicais Brasileiras, financiado pelo G-7, grupo

dos sete países mais ricos do planeta. Boa parte da reserva faz fronteira com o Peru e fica na área reivindicada pelas Forças Armadas para a implantação do Projeto Calha Norte.

Como presidente da Funai por dois anos, nos governos Collor e Itamar, Sydney Possuelo foi o responsável pela demarcação e homologação da reserva indígena yanomami, nos estados de Roraima e Amazonas, com 9,4 milhões de hectares (uma área do tamanho de Portugal), numa ação criticada pelos ministros militares, à época. As Forças Armadas temiam a criação de uma "nação independente yanomami" nos territórios do Brasil e Venezuela, numa ação tramada por organizações não governamentais estrangeiras.

"Ele (Possuelo) é um indisciplinado e tem acarretado muitos problemas ao órgão", acusou Sullivan Silvestre a uma agência de notícias, em Manaus. O conflito entre Possuelo e Silvestre aumentou após a morte do sertanista Raimundo Batista Magalhães, o Sobral, no final de agosto, no Vale do Javari. O assistente de Possuelo foi assassinado a golpes de cacetete por índios corubos arredios.

Sydney Possuelo teria ficado particularmente irritado com uma declaração de Sullivan Silvestre, quando o sertanista solicitou a liberação de R\$ 25,7 mil para a continuidade dos trabalhos na frente de contato vale do Javari, incluindo a remo-

Fotos: Nicolas Reynard



Possuelo com os corubos: o sertanista descobriu uma tribo indígena que, às vésperas do terceiro milênio, nunca havia encontrado homens brancos

ção do corpo do sertanista morto para Altamira (PA), sua terra natal, para ser sepultado.

O presidente da Funai teria dito, na frente de várias pessoas que "R\$ 25,7 mil é muito dinheiro por causa da morte de um servidor". "Nesse momento trágico, e em memória de meu companheiro falecido, em memória dos muitos que tombaram na defesa dos ideais de fraternidade e paz entre

os povos indígenas e a sociedade nacional, devolvo inteiramente suas palavras. Elas são inaceitáveis", rebateu Possuelo, em carta enviada ao presidente da Funai.

"Não comento nada até conversar com o presidente", afirmou Possuelo, ontem, quando lhe indagaram sobre um abaixo-assinado feito por servidores da Funai em sua solidariedade.

SOLIDARIEDADE

A notícia sobre a possível exoneração de Sydney Possuelo causou revolta na Funai. O sertanista José Carlos dos Reis Meireles, chefe da frente de contato do Rio Envira, no Acre, apontado como provável sucessor de Possuelo, ficou irritado ao saber que seu nome havia sido cogitado para substituir o amigo sem consulta.

Outro sertanista, Rieli Francisca, chefe da frente de contato do Rio Purus, também no Acre, também reagiu indignado. "Os relevantes trabalhos prestados às populações indígenas ao longo de décadas nessa instituição consagrou-o (Possuelo) como um dos mais bem renomados sertanistas de todos os tempos", atacou, em carta dirigida ao presidente da Funai.



Apadrinhamento político

A crise envolvendo a tentativa de exonerar o sertanista Sydney Possuelo ganhou maior dimensão, há duas semanas, com a decisão do presidente da Funai, Sullivan Silvestre de Oliveira, de nomear Etevaldo Mesquita Rodrigues para a chefia da administração regional da entidade indigenista em Atalaia do Norte (AM).

Apesar de integrar os quadros da Funai, Etevaldo Rodrigues é acusado pelos índios da região de integrar um lobby de madeireiros que atua no sentido de brecar as demarcações de reservas indígenas na região, onde proliferam o contrabando de madeira e de drogas.

A maior reação contra a indicação de Rodrigues partiu do Conselho Indigenista do Vale do Javari (Civaja). "Esta pessoa que o senhor colocou como administrador é cunhado do senhor Floriano Graça Neto, ex-prefeito de Atalaia, maior empresário de madeira da região, e maior articulador contra a demarcação das terras indígenas do Alto Solimões e do Vale do Javari", acusam os dirigentes da Civaja, em carta enviada no último dia 23 ao presidente da Funai.

RESERVA

Etevaldo Rodrigues, segundo o Civaja, tem ligações com o deputado Atila Lins, do PFL — empregado, amigo do governador Amazonino Mendes, e com o empresário Conte Galate, vereador em Atalaia do Norte e principal organizador de passeatas contra a demarcação da reserva Vale do Javari.

"Galate tentava jogar a população contra os índios, ameaçando até incendiar a sede da Funai", acusa Gilson Mayaru, vice-coordenador do Civaja, prevendo muitas dificuldades para os índios da região caso o sertanista Sydney Possuelo seja afastado.

"Achamos que sua (de Etevaldo) entrada na Funai como funcionário foi para facilitar a entrada de seus parentes nas áreas indígenas. E é o que vai acontecer com a nomeação feita por vossa presidência", acusam os dirigentes do Civaja. "A Funai está aumentando as facilidades para as invasões de pescadores, madeireiros, seringueiros e caçadores na reserva indígena."

DEFESA

A entidade indigenista defende a permanência de Sydney Possuelo no comando da expedição que atua há mais de dois anos no Vale do Javari. "Se o senhor (Sullivan) quer saber mais sobre a nossa região, pergunte para o senhor Sydney Possuelo e venha nos visitar, que nós vamos receber o senhor com muito prazer", diz Waldécio Ferreira dos Santos, coordenador do Civaja.

Indicado pelo ministro da Justiça, Iris Rezende, o também goiano Sullivan Silvestre, procurador, assumiu a Funai prometendo pacificar o órgão. Mas a indicação de Etevaldo Rodrigues para a chefia da regional de Atalaia do Norte atropelou os índios e a expedição que Sydney Possuelo comanda no Vale do Javari, contactando os arredios índios corubos. Sulivan tem viajado constantemente e poucas vezes, até agora, reuniu com os principais chefes de departamento da Funai.

O contrabando de madeira é uma das principais atividades no Javari. A própria Polícia Federal, com o auxílio da Funai e do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) conseguiu apreender, ano passado, milhares de toras de madeira retiradas ilegalmente da área indígena. Grande parte da madeira é desviada para madeiras peruanas. (RB)

PERSONAGEM DA NOTÍCIA

UM SERTANISTA NAS PÁGINAS DA INTERNET

A polêmica faz parte do currículo do sertanista Sydney Possuelo, há 28 anos na Funai. Na linha de frente, Possuelo participou das mais importantes frentes de contato com índios isolados nas últimas décadas, trabalhando ao lado de lendas vivas do sertanismo brasileiro como os irmãos Cláudio e Orlando Villas-Boas e de Apoena Meireles.

Arriscando a vida em suas incursões pelas mais inóspitas regiões da Amazônia, Possuelo comandou as expedições que levaram o homem branco ao primeiro contato com grupos indígenas Parakanã, Arara e Zoóé (Pará), Avá-Guajá (Maranhão e Maia e Korubo (no Amazonas). Os longos anos de trabalho na selva renderam-lhe 36 malárias, uma infinidade de doenças tropicais e um sem-número de inimigos poderosos entre madeireiros e garimpeiros, os principais invasores de terras indígenas.

Em décadas de serviços prestados à causa indigenista, Possuelo perdeu inúmeros amigos em frentes de contato com índios arredios. Levantamentos da própria Funai apontam a existência de mais de

40 grupos indígenas que nunca tiveram contato com o homem branco dito "civilizado", principalmente na Amazônia.

Coube a Possuelo mandar retirar da área indígena Poturu, em Monte Alegre, oeste do Pará, a 900 quilômetros de Belém, pastores evangélicos que entraram na reserva ilegalmente, transmitindo doenças em índios recém contactados.

Em outubro de 1996, depois de anos de levantamentos de campo e meses de um paciente trabalho de aproximação, Sydney Possuelo e sua equipe conseguiram pela primeira vez na história contactar os índios corubos, conhecidos como caceteiros, que vinham sendo dizimados por madeireiros e caçadores que invadem a área indígena Vale do Javari.

O trabalho da equipe de Possuelo ganhou destaque no mundo, até porque as primeiras imagens de uma tribo que nunca havia encontrado homens brancos, às vésperas do terceiro milênio, foram acompanhadas por ONGs e entidades indigenistas internacionais via Internet.

"Sou um batalhador da causa indígena e nunca vou mudar", costuma dizer Possuelo que, aos 57 anos, começa a escrever seu primeiro livro, colocando no papel a dura vida de um sertanista dedicado, de corpo e alma, aos índios do Brasil. (RB)



O sertanista em ação: salto de 36 malárias e inúmeras doenças tropicais

DONOS DA TERRA



Yanomami (RR/AM)

9,4

milhões de hectares

Corubo (AM)

8,3

milhões de hectares.

Mekragnoti (PA/MT)

4,9

milhões de hectares

Caiapó (PA)

3,2

milhões de hectares

Xavante (PA)

1,8

milhão de hectares

* 1 hectare equivale a 10 mil m²
Fonte: Funai

O latifúndio indígena

As dimensões continentais das reservas indígenas brasileiras têm gerado polêmica entre os que defendem a demarcação de todas as áreas dos índios — mais de 900 mil quilômetros quadrados, 11% do território nacional — e aqueles que consideram que os 330 mil índios do Brasil têm terra demais.

O Brasil ainda está muito longe de homologar todas as áreas indígenas identificadas pela Fundação Nacional do Índio. Na prática, como alerta o ex-ministro da Justiça, Jarbas Passarinho — que assinou o decreto homologando a reserva yanomami — as terras dos índios pertencem à União Federal.

Os que defendem o redimensionamento das reservas indígenas argumentam que, principalmente na Amazônia, grandes jazidas minerais e madeira nobre estão em terras dos índios, não podendo ser exploradas, o que atrasa o crescimento do país.

BRIGA

Somando-se as cinco maiores reservas indígenas brasileiras (veja quadro), descobre-se uma área comparável à da França. Os índios yanomamis possuem 9,4 milhões de hectares em Roraima e no Amazonas; os caiapós têm 3,2 milhões de hectares no sul do Pará; caiapós e outras etnias ganharam a área Mekragnoti, com 4,9 milhões de hectares, no sul do Pará e norte do Mato Grosso, e os xavantes e outras etnias estão no belíssimo Parque Nacional do Xingu, com 1,7 milhão de hectares.

Outra área que vem provocando briga entre índios e fazendeiros é a Raposa/Serra do Sol, em Roraima, reivindicada pelos índios Macuxi e Wapixana. Com mais de um milhão de hectares, as terras da Raposa/Serra do Sol detêm o maior potencial hídrico do estado. (RB)